

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DA PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

Juciara Antônia Capanema Baía Lima

DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA

Belo Horizonte

2016

Juciara Antônia Capanema Baía Lima

DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Belo Horizonte

2016

Ficha catalográfica

Lima, Juciara Antonia Capanema Baía.

Desafios para implementação da lei 10.639/03 na escola /
Juciara Lima. – Belo Horizonte: FAE, 2016.
44 f.; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,
2016.

Bibliografia: f. 38 - 39

1. Desafios. 2. Juventude. 3. EJA. 4. Relações étnico-raciais

Juciara Antônia Capanema Baía Lima

DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Aprovado em 9 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Claudia Elizabete dos Santos (Mestre)

Orientadora – Faculdade de Educação da UFMG

Shirley Aparecida Miranda (Doutora)

Convidado

AGRADECIMENTOS

Com ternura e sinceridade agradeço a Deus, por sua infinita bondade.

Agradeço aos meus filhos Bréscia, Matheus e ao meu esposo Antônio pela paciência, carinho e compreensão que mesmo sentindo minha falta nos momentos em que este trabalho exigiu meu afastamento, me deram o apoio que necessitava.

Aos meus pais por estarem sempre presentes nos momentos difíceis de minha vida.

A todos os professores que brilhantemente ministraram este curso, auxiliando, orientando-me e servindo de estímulo para que eu pudesse prosseguir.

Às tutoras que ajudaram a trilhar este caminho de novos conhecimentos.

À minha orientadora Cláudia, pela dedicação, confiança e pelo grande incentivo e contribuição sem os quais este trabalho não teria sido concluído.

Aos meus colegas pelos momentos que partilhamos, dividindo felicidades e angústias.

E a todos que direta ou indiretamente me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.

A todos,

Muito obrigada!

RESUMO

Este estudo procurou investigar os desafios que se apresentam à implementação da Lei 10.639/03 em uma escola da rede municipal de educação de Contagem. Adotou-se como abordagem metodológica projetos, pesquisas e um histórico de atividades na expectativa de apontar novas possibilidades de trabalho com a temática étnico-racial, tendo como objetivo melhorar as práticas educativas relacionadas à diversidade cultural presente na escola. A inclusão das práticas antirracistas no currículo escolar possibilita um trabalho de efetivo reconhecimento da valorização da população negra, resgatando a identidade, autoestima dos estudantes, professores (as) e toda a comunidade escolar, mostrando novas perspectivas para extinguir as diferenças sociais existente em nossa sociedade. Conclui-se que os desafios à implementação da Lei 10.639/03 na escola estudada estão relacionados principalmente, a estrutura escolar, a crença no “mito da democracia racial” e a oferta ainda reduzida de formação continuada para os professores.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; Desafios; Juventude; EJA; Relações étnico-raciais; Currículo.

SUMMARY

This study sought to investigate the challenges facing the implementation of Law 10.639 / 03 in a school municipal count education. It was adopted as a methodological approach projects, research and a history of activities in anticipation of showing new possibilities of working with ethnic-racial theme, aiming to improve educational practices related to cultural diversity present in the school. The inclusion of anti-racist practices in the school curriculum provides a work effective recognition of the value of the black population, rescuing the identity, self-esteem of students, teachers (as) and the entire school community, showing new perspectives to extinguish existing social differences in our society . It is concluded that the challenges to the implementation of Law 10,639 / 03 in the studied school are mainly related, school structure, belief in the "myth of racial democracy" and even reduced supply of continuing education for teachers.

Keywords: Law 10.639/03; challenges; Youth; EJA; ethnic-racial relations; Curriculum.

TABELAS DE FIGURAS

FIGURA 1	24
FIGURA 2	27
FIGURA 3	27
FIGURA 4	28
FIGURA 5	28
FIGURA 6	28
FIGURA 7	28
FIGURA 8	29
FIGURA 9	29
FIGURA 10	29
FIGURA 11	29
FIGURA 12	29
FIGURA 13	29
FIGURA 14	31
FIGURA 15	33
FIGURA 16	33
FIGURA 17	41
FIGURA 18	41
FIGURA 19	41
FIGURA 20	41
FIGURA 21	41
FIGURA 22	42
FIGURA 23	42
FIGURA 24	42
FIGURA 25	42
FIGURA 26	42
FIGURA 27	42
FIGURA 28	43
FIGURA 29	43

FIGURA 30	43
FIGURA 31	43
FIGURA 32	43
FIGURA 33	43

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	OBJETIVOS	19
	2.1 Objetivos Gerais	19
	2.2 Objetivos Específicos	19
3.	METODOLOGIA	20
	3.1 Trabalhando com o Livro “Mãe África”	23
	3.2 Roda de Conversa	30
	3.3 Produções de texto	34
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
6.	ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou identificar e analisar os desafios para a implementação da Lei 10.639/03 em uma escola do município de Contagem, através de uma proposta de intervenção pedagógica que por meio de práticas pedagógicas antirracistas introduziu uma proposta pedagógica que focou o currículo escolar da Escola Municipal Dona Babita Camargos que atende estudantes do ensino fundamental e EJA.

Segundo Paraíso (2009) “Um currículo é um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida, com diversas possibilidades de modos de vida de povos e de seus desejos. É um artefato com um mundo a explorar.” Portanto é importante usarmos este currículo de maneira que o mesmo revele a diversidade de modo positivo, fazendo a interação entre estudantes, funcionários e comunidade escolar de forma a valorizar os conhecimentos e cultura dos mesmos. Ainda de acordo com Paraíso (2010) costumamos “esquecer”, anular as diferenças para identificar as coisas, sintetizar, dizer o que é “essencial” de um currículo. Silva (2010) considera que o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimento. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.

Percebe-se que a cada dia a educação se torna um processo muito diversificado que além das disciplinas, associa diferentes grupos sociais e instituições. Portanto é necessário desenvolver nos estudantes a coexistência social, aprender a conhecer e respeitar uns aos outros e toda a diversidade, sua história e mitologia, tradição, cultura, formando assim indivíduos éticos, cooperativos e solidários. O currículo, como nós o conhecemos, na sua versão moderna, portanto, consolidou-se na virada do século XIX para o século XX em torno de um círculo coerente de saberes, bem como de uma estrutura didática para a transmissão (MACEDO, 2007).

De acordo com Paraíso (2010) “[...] por que não experimentar no currículo o jogo da diferença? Por que não pensar o currículo por meio dos seus vazamentos, escapes, suas linhas de fugas, distorções e variações? Por que não priorizar a diferença invés da identidade e seguir as ramificações que surgirem desse pensamento?”.

A Lei federal 10.639/03 dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. Segundo Ribeiro (2004) a decisão da publicação desta lei resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

As escolas em geral precisam incorporar em suas práticas; propostas que retratem de forma não hierárquica as matrizes indígena, europeia e Africana. Continuamente a nossa história têm sido estudada de modo a privilegiar a história dos europeus, pressupondo um povo superior que veio para as terras brasileiras trazendo progresso, persistindo em uma ética retrógrada e desigual.

Sou graduada no curso de Letras. Atuo no magistério há 19 anos. Atualmente leciono na Escola Municipal Dona Babita Camargos, trabalhando com 1º ano do 3º ciclo (Ensino Fundamental) e com as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Modalidade esta que muito me identifico, pois apresenta muitos desafios como a inclusão e a equidade, além de uma diversidade enorme: trabalhadores, desempregados, dona de casa, Jovens, idosos, portadores de deficiência especiais, com diferentes ritmos de aprendizagem, vivências profissionais, etnias, culturas, religiões e crenças. Temos na escola oito salas de EJA: sendo duas turmas de alfabetização; uma composta de dezoito e outra com vinte estudantes, adultos, trabalhadores na sua grande maioria, sem tempo para estudar, mas gostam de aula; com autoestima baixa, com cultura própria, sendo o principal objetivo resgatar o tempo perdido. Neste grupo atuam professoras alfabetizadoras, professor de Arte e de Educação Física. As outras seis turmas equivalem aos últimos anos do ensino fundamental, formadas com trinta e

dois estudantes cada uma, sendo a maioria negros, classe baixa e média, na faixa etária de quinze aos dezoito anos, gostam de estar na escola e não de estudar, são oriundos de outras instituições e foram retidos várias vezes. Neste grupo atuam professores das matérias específicas (português, matemática, história, Geografia, Inglês, Arte e Educação Física).

Percebe-se um padrão nas estruturas familiares destes estudantes: a maioria criada pela mãe, sem a participação do pai ou ainda pelos avós. A mãe quase sempre está trabalhando, pouco participa da vida escolar do filho. Existe uma grande quantidade de pais e familiares que têm envolvimento com vícios ou com delitos. É preciso, portanto, considerar a heterogeneidade desse público, que vivenciam problemas como preconceito, vergonha e discriminação.

É necessário, entretanto, utilizar metodologias diferenciadas com o objetivo de incentivar esses estudantes, assegurando-lhes aprendizado e a permanência dos mesmos na escola. Para Silva (2009) a EJA deve ser compreendida não somente como uma relação de ensino e aprendizagem de conteúdo, mas também como relação humana que se dá entre sujeitos com diferentes identidades, histórias e trajetórias em um contexto escolar específico.

Muitos foram os fatores que me levaram à escolha do tema. Durante todos estes anos percebi muitas atitudes discriminatórias que me chamaram atenção, bem como refleti sobre a permanência do mito da democracia racial, nas práticas pedagógicas e nos discursos de colegas de trabalho, famílias, estudantes e demais membros da comunidade escolar.

Ao perceber que as propostas pedagógicas e projetos que contemplam à lei 10.639/03 na escola eram desenvolvidos apenas em Novembro, comecei a selecionar atividades relacionadas com a temática racial para serem trabalhadas durante todo o ano. Isso fez com que me aproximasse de um grande contingente bibliográfico a respeito do assunto. Considero que a minha participação no curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR) foi um privilégio. O Curso foi administrado de forma clara, concisa

e focado na aprendizagem escolar, pois abordou situações recorrentes nas salas de aula. Tais abordagens nos empoderaram trazendo informações necessárias para a ampliação de conhecimentos sobre a temática racial que repercutiram positivamente nas práticas em sala de aula, que poderiam ser dialogadas com os estudantes, gestão, coordenação e demais colegas de trabalho.

No Brasil, desde o período colonial os negros não eram vistos como sujeitos de direitos, e sim como um ser racionalmente inferior. Eram ignorados juntamente com sua história, identidade, cor da pele. Ao ser retirado a força da África, os mesmos trouxeram muitos conhecimentos e técnicas que contribuíram diretamente nos aspectos econômicos, sociais e políticos da construção e manutenção da sociedade brasileira. Os setores da agricultura, artesanato, mineração, metalurgia, pecuária e outros, foram muito beneficiados pela mão de obra africana. Enfim os negros eram os principais movimentadores da economia do Brasil.

A cultura afro-brasileira e africana influenciaram na língua, religiões e as tradições praticadas no Brasil. Entretanto estes negros eram vistos apenas como mão de obra, e como tal era indispensável. Foram privados de grande parte de sua humanidade, desligados dos meios em que viviam separados de suas famílias; foram impostos a eles outros costumes, língua e uma religião que lhes eram alheias, tiraram-lhes, inclusive, o nome na tentativa de domesticá-los para o trabalho escravo, principalmente, através da violência física. Além de terem sido humilhados e torturados.

Desde tempos mais antigos, alguns homens escravizam outros homens, que não eram vistos como seus semelhantes, mas sim como inimigos e inferiores. A maior fonte de escravos sempre foi às guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como a condenação por transgressão e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas ou mesmo de sobreviver, independentemente por falta de recursos [...] (SOUZA, 2006, p.47).

Portanto, o violento distanciamento destes homens, mulheres e crianças de seu povo, sua cultura, religião pode ser considerado uma escória da humanidade. Além disso, nessa nova realidade a que foram submetidos esses negros e seus descendentes, não tiveram garantidos direitos sociais básicos como: educação, saúde ou participação política. Contudo, muitos deles mantiveram-se ativamente resistentes e lutaram pela conquista da liberdade,

organizando-se em fugas coletivas ou individuais, assassinavam feitores e senhores, suicidavam. Porém a mais eficaz e conhecida resistência à escravidão, foi a formação de Quilombo.

Em 13 de maio de 1988, a abolição da escravatura foi declarada oficialmente. Este fato não significou o fim da exploração do negro, nem sua integração na sociedade. Segundo Luiza Barros (2014), ex-ministra da secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), “Naquele momento, faltou criar as condições para que a população negra pudesse ter um tipo de inserção mais digna na sociedade”.

Ao longo da história, identificam-se diversas formas de luta estimuladas pela população negra. No período da escravidão, as mesmas eram direcionadas pela busca da liberdade. Após a abolição, prioriza-se a reivindicação pela conquista de direitos.

Houve um período no qual o negro não encontrava possibilidades de se integrar economicamente e encontrar a sua identidade étnica de forma não fragmentada e confusa. Daí uma fase onde ele, como elemento mais onerado no processo de passagem da escravidão para o trabalho livre desarticulou-se social, psicológica, em nível organizacional, reencontrar-se. (MOURA, 1994, p.211)

A partir da década de 1970, a resistência negra passa a organizar-se em movimentos com o objetivo comum da luta contra o racismo e contra a discriminação racial. O movimento negro contemporâneo dá continuidade a essas lutas enredadas pelos negros no passado.

Segundo Genro (2004) o Brasil ao longo de sua história estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem.

O texto da Lei 10639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

(2004) obriga a inserção no conteúdo programático das escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio, a história e cultura afro-brasileira e africana, exige a presença do povo negro na formação da sociedade brasileira, resgatando sua contribuição nas áreas social, econômica, política, cultural e que a mesma seja abordada de forma positiva.

Dessa forma, este aparato legal tem o objetivo de atender as expectativas do movimento negro de construir outra interpretação sobre a história do Brasil, que resulte na estruturação de uma sociedade que favoreça a construção da identidade de todos os sujeitos nela inseridos, onde não apareça nenhuma forma de racismo ou discriminação.

Gomes (2012) considera que a implementação da Lei 10.639/03 e das diretrizes Curriculares Nacionais, nesse contexto, aponta para o aspecto relevante do reconhecimento da forte presença da questão afro-brasileira e africana na construção do imaginário social e pedagógico e a sua visibilidade ou invisibilidade na política educacional.

Contudo percebe-se uma grande resistência à implementação da Lei 10.639/03, ou seja, existe nas instituições escolares uma contradição entre discurso e a prática, tentando enquadrar os estudantes em um padrão desejável de comportamento, contribuindo assim para a continuidade do preconceito e da discriminação na atitude docente e na construção da identidade dos sujeitos.

[...] Alguns educadores se auto definem como realizadores de práticas pedagógicas na perspectiva da lei, mas que no cotidiano da instituição escolar, agem em desacordo com princípios e orientações firmados nos dispositivos legais. Isso sem contar as iniciativas descontínuas fundadas em concepção estereotipados e racistas sobre a África e os afro-brasileiros envolvidos do discurso da democracia racial e da boa vontade. (GOMES, 2012, p. 15)

Diante desse contexto, entende-se que a partir da compreensão dos objetivos da Lei 10.639/03, da aplicação de projetos facilitará a implementação desta na escola e consequentemente superar as manifestações de preconceitos, racismos e discriminações, de

forma a produzir na instituição escolar, uma nova relação entre os diferentes grupos étnico-raciais, propiciando mudanças comportamentais, na busca de uma sociedade democrática e isenta de qualquer forma de racismo ou discriminação. Por tudo isto, implementar de forma efetiva a lei 10639/03 é de suma importância no sentido de combater atitudes racistas e discriminatórias.

Para tanto, veem a necessidade de desenvolvimento de práticas interdisciplinares articulados com a gestão da escola e do sistema, com a comunidade e com os movimentos sociais capazes de produzir avanços na aprendizagem dos estudantes, sob ponto de vista conceitual, além de uma postura ética diante do diverso e a construção de uma educação antirracista. (GOMES, 2012, p.15)

Portanto a escola necessita urgentemente desenvolver projetos que contribuirão para uma mudança de pensamentos, atitudes, gestos e comportamentos, evidenciando as ações dos negros, índios e seus descendentes que construíram e constroem esse país com seu trabalho, cultura e sua história.

Torna-se essencial que a escola promova a valorização da diversidade, o respeito e a tolerância entre todos, principalmente romper barreiras e conscientizar todos os educadores, pois se percebe que muitos professores consideram que não há racismo na escola e segundo eles se dá muito destaque a fatos “banais”. Daí a importância de trabalhar essa temática durante todo o ano letivo, no dia a dia e não por alguns períodos ou quando acontece algum fato inusitado.

A implementação da lei deveria fazer parte do cotidiano da escola e a discussão sobre a questão africana, afro-brasileira deveria estar inserida no PP, nos planejamentos pedagógicos de todas as disciplinas, nos conteúdos e debates levantados na escola entre os funcionários, professores, etc. e não apenas em projetos específicos por mais interessantes que estes possam ser. (GOMES, 2012, p.106)

Trabalhar as relações étnicas raciais na escola significa cumprir os pressupostos da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais no CNE/2004. A temática de estudo da cultura afro-brasileira e africana deve ser socializada, independente da etnia dos indivíduos e tão pouco as aplicações das ações pedagógicas nas escolas devem ser limitadas aos estudantes afrodescendentes.

Em uma sociedade racista todos sofrem prejuízos em sua personalidade e identidade, uns por não sentirem valorizadas sua história e cultura e outros por não terem oportunidade de refletir sobre a sociedade e situações de racismo, preconceito e discriminação que conscientes ou não acabam praticando. Pois é direito dos estudantes de todas as etnias terem acesso a um patrimônio histórico cultural que contribuiu para a construção do nosso país.

Segundo GENRO (2004) todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Portanto para a efetiva implementação da Lei é preciso que as escolas elaborem e reelaborem projetos que enfatizem atividades como oficinas, palestras, apresentações culturais, cinema, exposição de trabalhos, entre outras e que a escola transforme sua forma e estrutura, pois a mesma ainda mantém muitas características da educação tradicional, valorizando conteúdos e disciplinas, dificultando assim o desenvolvimento de iniciativas que visam equalizar relações e valorizar a diversidade. É necessário enfatizar também a formação de professores oferecendo lhes seminários, palestras, debates, cursos e encontros.

Nesse sentido, o que se pretende é uma mudança de pensamento, conscientização do valor da cultura africana na sociedade, desenvolvendo projetos interativos que visem superar preconceitos e combater atitudes discriminatórias, oportunizando os jovens a exercitarem valores como, respeito mútuo, colaboração, solidariedade e a liberdade de opinião, fortalecendo suas noções de pertencimento ao grupo social.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Incentivar a implantação de uma proposta pedagógica focada na temática das relações Étnico-racial na Escola Municipal Dona Babita Camargos que seja articulada com o currículo escolar e orientada pela Lei 10.639/03.

2.2 Objetivos Específicos

- Reconhecer a importância das Leis 10.639/03 e 11.654/08 para o estudo da história da África e da cultura Afro-brasileira e indígena.
- Colaborar para a desconstrução do imaginário negativo da cultura Africana.
- Fazer uma discussão sobre educação e relações étnicas- racial por meio da interdisciplinaridade.
- Propiciar visitas à biblioteca e incentivar uma aproximação com a literatura Afro-brasileira na intenção de difundir a importância dos negros no processo cultural do nosso país.
- Contribuir para a efetiva implementação da Lei 10.639/03 na escola, tendo como intenção o combate ao preconceito e a discriminação racial.
- Apresentar para os demais professores da escola o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na escola.

3. METODOLOGIA

Sabemos que, historicamente, a sociedade brasileira ainda é marcada pela exclusão social, racismo e pela discriminação racial. Por inúmeros motivos principalmente históricos e econômicos, os negros ainda são os que mais sofrem com as desigualdades sociais e com o preconceito.

Os indicadores socioeconômicos mostram que os afro-brasileiros estão ainda nos níveis mais baixos de pobreza e de escolaridade, enfrentando maiores obstáculos para alcançar posições de prestígio na sociedade. Essa situação reflete a existência do racismo com efeitos negativos na vida da população negra, em particular das crianças e adolescentes. Nesse sentido o projeto que foi desenvolvido na escola, buscou promover uma educação ética, baseada no respeito ao outro e de suas características e diferenças, com a intenção de promover mudanças de pensamento, atitudes dos estudantes, professores e comunidade.

O projeto compreende, portanto o estudo teórico, atividades práticas, oficinas, observação e o debate, voltado para a temática da História da África e cultura afro-brasileira. Para isso foram utilizadas várias formas de abordagem com o objetivo de despertar, sensibilizar, conscientizar a comunidade escolar de nossas raízes históricas que contribuíram e contribuem para a construção da cultura e da formação da nação brasileira, possibilitando novas interpretações sobre a temática.

Diante desses fatores, a história de vida de alguns estudantes e a participação no curso de Especialização em Políticas da Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR), ofertado pela UFMG, incentivou-me em torno do tema, pois as questões tratadas neste curso me auxiliaram a perceber situações de discriminação e preconceito na escola. Através das leituras feitas por mim, as avaliações das atividades propostas no curso e minhas experiências diárias na escola deram conta da importância dessa temática e de toda resistência em torno da mesma.

O fato de desenvolver as atividades do curso na escola e em seus arredores deu-me a dimensão de seu alcance. Já o que me inquietou foi o fato de existirem iniciativas do poder público para implementar a lei sem que isso se traduzisse em ações sistematizadas na escola. Assim comecei a trabalhar com minhas turmas (1º ano do 3º ciclo e EJA) em minhas aulas atividades propostas no curso EPPIR: O teste da boneca, o teste do pescoço, mapeamento local, filme “Quanto vale ou é por quilo?”, Confecção da tirinha “situação do cotidiano e direito a diferença”, música-Consciência Negra - Soul Reggae (Identificar ações de resistência), observar painéis da escola, texto “História de Luiz e a realidade da escola” e com os professores e funcionários fiz uma enquete sobre racismo.

A partir destas atividades fui pedindo aos professores individualmente espaço em suas aulas para que eu pudesse dar continuidade aos trabalhos iniciados como, por exemplo: História em quadrinhos pedi auxílio à professora de artes que se prontificou sem obstáculos; filmes e debates a outros professores, alguns sediam, outros alegavam que o conteúdo estava atrasado e que precisava colocá-los em dia. Mas boa parte dos professores se envolveu e até pediram para realizar estes trabalhos em outras turmas. Com isso o turno inteiro estava a par das atividades.

Começamos então, em pequenos grupos cada um em sua aula, porém uma atividade requeria conteúdos de outras áreas; Como por exemplo: “O teste do pescoço” envolvia a disciplina Geografia, para esclarecimento sobre lugares e matemática, pois envolvia também porcentagem e assim contextualizar os conteúdos tornou-se consenso entre docentes.

Contudo a construção de um trabalho interdisciplinar na escola ainda encontra muitas dificuldades: falta de tempo para nos reunirmos; resistência de alguns colegas que temiam não conseguir realizar todo o programa e achavam que estavam “perdendo tempo”; falta de tempo para pesquisar e nos dedicarmos à leitura; falta de conhecimento sobre a temática; na graduação aprendemos a seguir um currículo compartimentado. Paraíso (2010) considera que para deixar a diferença continuar o seu trabalho é preciso possibilitar o acontecimento em um currículo! Deixar vazar! Fazer martilhas! Contagiar! Possibilitar um outro currículo; um currículo que pense com a diferença para ver, sentir e viver a vida em sua proliferação.

Entretanto após alguns encontros, foi feita uma abordagem sobre a obrigatoriedade de se trabalhar a Lei 10.639/03 nas escolas, destacando o ensino da história e cultura dos povos africanos no currículo, enfatizando que a história do povo negro que sempre foi de sofrimento e luta está sendo renovada; evidenciando que precisamos repensar nossas ações dentro e fora da escola, negar e questionar as atitudes de desrespeito com os afrodescendentes que formam a maioria da população brasileira e que ao longo da nossa história não tiveram garantidos seus direitos sociais básicos como: educação, saúde ou participação política, tendo o objetivo comum à luta contra o racismo e contra a discriminação racial. O movimento negro contemporâneo da continuidade a essas lutas encadeadas pela população negra no passado.

Diante do resultado satisfatório, do desempenho de todos e de um retorno positivo do projeto executado em 2015, ficou encaminhado um cronograma para 2016 priorizando adequar o processo de ensino à realidade e ao interesse dos estudantes.

A meta foi garantir o cumprimento da Lei 10.639/03 durante o ano, estimular os estudantes a refletirem sobre as questões étnicas raciais. As ações foram socializadas na formação de professores, através da elaboração de plano de ação contemplando as identidades, relações étnico-raciais, os saberes e reflexões sobre as africanidades e brasilidades. A Mostra cultural foi considerada um momento de culminância e contará com os trabalhos realizados durante o ano. Os responsáveis pela ação serão: coordenação e os professores de todas as disciplinas. A ação será de fevereiro a dezembro de 2016. As ações de fevereiro de 2016 foram:

- Língua portuguesa: Interpretação oral e escrita do texto “Quilombo urbano” de Fabiano Ormanzeze. Levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema.
- Geografia: localização geográfica da primeira comunidade quilombola fora da área rural a ser reconhecida oficialmente.

- História: valorização de sua identidade, preservação do patrimônio histórico cultural.
- Religiosidade: oratórios com imagens de santos católicos que representam os orixás africanos.
- Artes: confecção e exposição de cartazes.

A aplicação do plano de ação foi iniciada em Maio e finalizada em Novembro de 2015 e contou com o envolvimento dos professores, coordenadores, direção e estudantes.

3.1 Trabalhando com o livro *Mãe África* contando com as várias disciplinas

O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e esta continuando a viagem por conta própria.
(Mário Quintana)

É necessário enfatizarmos em sala de aula a compreensão do texto, abordando a troca de experiências e leituras que promovam a interação entre textos e leitores, onde os estudantes possam manifestar suas ideias. Precisamos conceder aos estudantes oportunidades para que possam fazer inferências, conseguindo assim entender o lado lúdico e criativo da história. É importante, que a leitura possibilite o surgimento de leitores críticos e reflexivos capazes de “ler o mundo”. De acordo com Britto (1999) a leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída.

O livro *Mãe África* de Celso Sisto (2007) é uma coletânea de histórias africanas provenientes de diversos lugares da África, que enfatiza a diversidade de etnias do cotidiano africano, onde os leitores encontraram “riquezas” que exercem muita influência na cultura brasileira. A obra abrange assuntos relacionados à sabedoria da vida que oportuniza o professor trabalhar questões religiosas, valores como caráter, respeito mútuo, fidelidade,

idealismo entre outros; bem como refletir sobre as diversidades existentes na sociedade, crenças, injustiça social e preconceitos éticos.

Para este projeto foram selecionadas sete histórias de diferentes regiões do continente africano, que foram trabalhados de Maio até Julho/2015:

1. A origem da morte (África do Sul)
2. A lebre e o Antilope (Masai, norte da Tanzânia ao Sul do Quênia)
3. A Tartaruga e o Elefante (Togo, Benin e parte ocidental da Nigéria)
4. O chagal e a mina d'água (Bassoutos, África do Sul)
5. A pele de Oiá-Iansã (Iorubá sudoeste da Nigéria, sul de Benin)
6. O coração do baobá (África meridional)
7. A cabeça falante (Norte da África)

Os professores das várias disciplinas introduziram a temática étnico-racial em seus planejamentos de aula. Desta forma a responsabilidade do desenvolvimento da proposta pedagógica não se limitou a uma única figura central. Felizmente, a proposta de implantação da Lei 10.639/03 foi acolhida por parte expressiva dos professores, coordenação, direção e estudantes.

- Língua Portuguesa: O planejamento docente destacou contos, mitos, lenda, leitura oral e interpretação de textos; debate; apresentação de alguns textos pelos estudantes.



- Geografia: valorizamos a localização geográfica de vários países do continente africano. A apresentação do mapa mundi e as pesquisas virtuais potencializaram um clima de investigação entre estudantes e docentes.
- História: contexto (acontecimentos); diversidade regional; desigualdade e direitos de cidadania.

Nos meses Agosto/ Setembro/ Outubro/2015 foram realizadas as seguintes atividades:

- Língua Portuguesa:

Assistimos ao filme “Vista minha pele” de Juarez Silva, paródia que destaca a realidade brasileira onde se discute o racismo e o preconceito na escola, porém de maneira invertida, onde os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países mais pobres são Alemanha e Inglaterra e os Países ricos África do Sul e Moçambique. Foi realizado comentários sobre o autor e o título, apreciação do filme, interpretação oral, produção de texto, debate e apresentação teatral.

- Religiosidade:

No primeiro turno, foi trabalhado com a professora de Ensino Religioso, na EJA como não temos este conteúdo separadamente foi trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. O estudante ao entrar para a instituição escolar traz consigo valores, culturas, uma visão de mundo que muitas vezes são transmitidas através de inúmeras gerações, é fato também que a diversidade religiosa não tem sido considerada dentro da escola. É preciso, portanto trabalhar o respeito à diversidade cultural, o comprometimento com o outro; pois muitas das vezes a temática se torna complexa e o desrespeito visível por falta de formação, informação e conhecimento.

Para Prandi (2003) no caso das religiões afro-brasileiras o senso oferece sempre cifras subestimadas de seus seguidores. Isso se deve as circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e ao seu caráter sincrético daí decorrente.

Optou-se por trabalhar projeto Quilombos, apresentação do grupo “Arturos filhos de Zambi”, Texto “Arturos”, Filme “O caminho para liberdade – Mandela” Trabalho sobre a biografia de Nelson Mandela, Racismo, discriminação, libertação, África do Sul, Apartheid, Política.

No projeto Quilombos (Comunidade negra dos Arturos) é uma comunidade composta pelos descendentes de um escravo antigo chamado Artur Camilo Silvério e sua esposa Carmelinda Maria da Silva. Vem daí o nome Arturos, preservam sua cultura e religiosidade, através dos congados, batuque, a festa da capina denominada “João do Mato”, Folia de Reis, a festa da Abolição da Escravatura e principalmente o reinado de Nossa Senhora do Rosário, festa popularmente conhecida como congado. Eles também formam o grupo artístico “Arturos filhos de Zambi” que trabalha percussão, dança afro e teatro em torno da história dos negros. Está sediada em contagem, região metropolitana de Belo Horizonte.

Foi feito um estudo do texto “Arturos”, onde os estudantes tiveram conhecimento sobre localização, infraestrutura, economia, cultura, história e religião desta comunidade. Além do estudo do texto, os estudantes foram a uma apresentação do grupo “Arturos filhos de Zambi”, o qual um de nossos estudantes é participante, na casa da Cultura Nair Mendes Moreira em Contagem e receberam, após as apresentações, revista de Educação Patrimonial, Caderno do Patrimônio Imaterial (Comunidade dos Arturos) incluindo um DVD (documentos do Patrimônio Imaterial).

Assistiram ainda ao Filme “O caminho para a liberdade” que é baseado na autobiografia do ex-presidente Sul-Africano Nelson Mandela, que narra sua infância,

escolaridade e 27 anos de prisão antes de se tornar presidente e trabalhar para reconstruir a sociedade de um país completamente segregado e realizaram um debate sobre o filme.

- História:

Os estudantes fizeram leitura e interpretação oral e escrita do texto “As conquistas do povo negro e a valorização de sua identidade” destacando o mercado de trabalho, artes e crítica social, acesso a universidade e a conquista da identidade. A partir da leitura e interpretação do texto foi realizado um trabalho sobre a influência indígena e africana na língua portuguesa brasileira, nos costumes, na culinária, no folclore, nas artes e símbolos indígenas e seus significados.

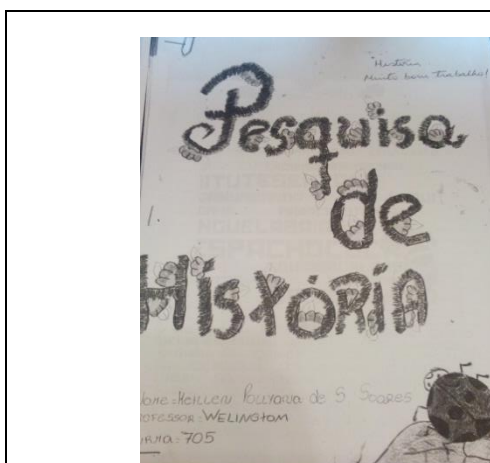


Figura 2 - Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

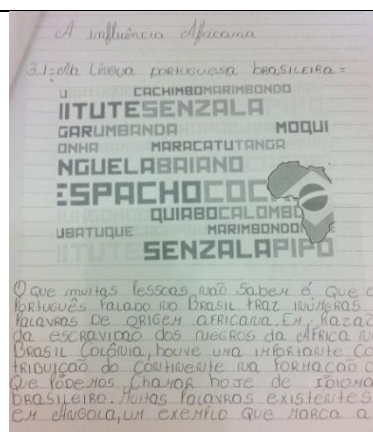


Figura 3 - Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

- Educação Física:

Foram feitos estudos sobre as contribuições africanas na cultura popular. Sabe-se que a música sempre presente em nosso cotidiano agrada crianças, adolescentes e adultos e através dela, conseguimos desenvolver em nossos estudantes a sensibilidade, criatividade, atenção, construção de novos olhares, integração e a concentração.

Molina (2012) considera que dependendo de como é vivenciada, a prática musical apresenta-se como laboratório privilegiado para o exercício de determinadas qualidades transversais a toda educação, como a cooperação, a paciência, a gentileza, a relativização da competição, a escrita de si e do outro.

Os negros africanos deixaram grandes marcas no campo da música, culinária, folclore, dança entre outros. Trouxeram muitos ritmos, instrumentos e batuques. Alguns ritmos tomaram conta do mundo. No Brasil temos o samba de roda, maracatu, capoeira e muito mais.

Neste sentido foram trabalhados alguns textos na aula de Português e Educação Física, são eles: história do Samba, história do Rap, história do Reggae. As músicas relacionadas aos textos foram tocadas durante o recreio, na prática ensaiaram alguns números durante as aulas de Educação Física.

	
Figura 4 – Estudantes da EJA dançando a música “O racismo é burrice – Gabriel O pensador”	Figura 5 – Estudantes da EJA Matheus e Dener cantando a música “O Rappa – Súplica Cearense”
	
Figura 6 – Estudantes da EJA Matheus e Dener cantando a música “Andei só - Natirut’s”	Figura 7 – Estudantes da EJA dançando a música “O racismo é burrice – Gabriel O pensador”

- Arte:

A arte é um meio onde as pessoas podem expressar socialmente, construir a identidade, promover a inclusão social, resgatar tradições culturais, ampliar horizontes, expressar suas emoções, enfim transformar realidades. A arte africana veio para o Brasil através dos escravos que trouxeram tradições distintas. Foram confeccionados, pelos estudantes, cartazes mostrando a potencialidade dos negros na música, no esporte, na política, ressaltando o Zumbi dos palmares e as mulheres negras.



Figura 8 – Cartaz referente à Igualdade, produzido pelos estudantes do 3º ano 3º ciclo.



Figura 9 - Cartaz produzido pelos estudantes do 2º ano 3º ciclo

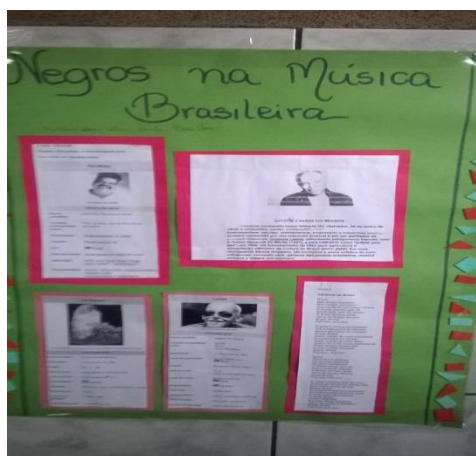


Figura 10 - Cartaz referente aos negros na música brasileira, produzido pelos estudantes do 1º ano do 3º ciclo.



Figura 11 – Cartaz referente aos negros que destacaram na sociedade, nas artes, na política, na literatura, produzidos pelos estudantes do 2º ano do 3º ciclo.

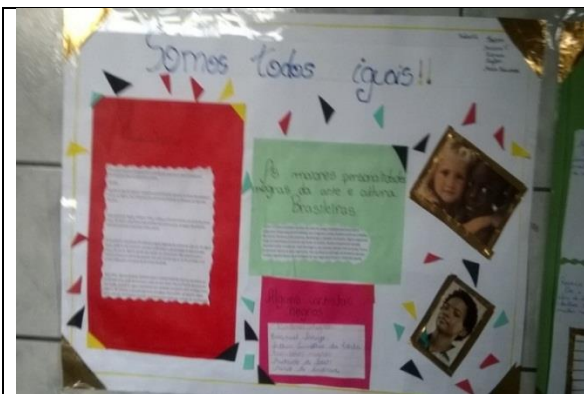


Figura 12 - Cartaz “Somos todos iguais” produzido pela turma do 2º ano - 3º Ciclo

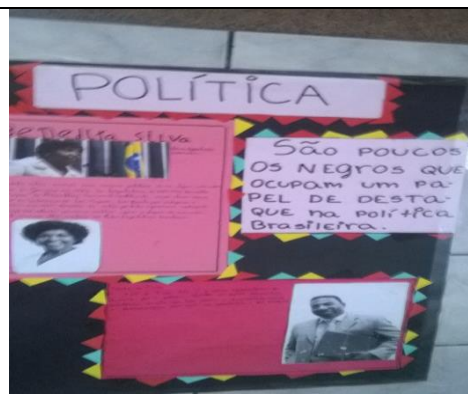


Figura 13 - Cartaz referente à ocupação dos negros na política brasileira, produzido pela turma do 2º ano - 3º Ciclo.

- Matemática:

Foram feitas análises de gráficos sobre a população negra, mortalidade infantil, número de homicídios, educação, mercado de trabalho e genocídio. Diante das análises dos gráficos concluiu-se que os negros são a maioria da população brasileira, contudo mostram a persistência das desigualdades raciais no Brasil. Portanto é preciso refletir e lutar por uma sociedade justa, íntegra e que enfatize a igualdade de direitos.

No mês de Novembro/2015 foram realizadas algumas atividades. Dentre elas: visita guiada ao Museu de Artes e Ofícios (trilha afro-brasileira/espço de guarda de memória). Neste momento os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer, visualizar e manusear alguns instrumentos. O museu de Artes e Ofícios fica na praça da estação, região central de Belo Horizonte, onde encontramos objetos, instrumentos e utensílios de trabalho do período pré-industrial brasileiro que nos ajudam a conhecer a história da evolução do mundo do trabalho.

Na escola foi desenvolvido um debate retomando o que foi discutido na visita. Os estudantes realizaram também produção de texto sobre o passeio. Durante o mês de novembro nos momentos de entrada e intervalo foram tocadas músicas: Reggae samba e Rap trazidas pelos estudantes.

No anexo do texto encontram-se algumas atividades que foram desenvolvidas na quadra da escola, a fim de valorizar a cultura negra e elevar a autoestima dos estudantes através da valorização de seus talentos.

3.2 Rodas de conversa: reflexão sobre a temática preconceito racial

Dando continuidade ao projeto foi desenvolvida a atividade “roda de conversa” com o objetivo de proporcionar aos estudantes, funcionários e comunidade a discussão de temas como preconceito, racismo e discriminação; promovendo reflexões sobre a questão racial, visando transformar mentalidades, superar preconceito e combater atitudes discriminatórias, bem como discutir valores de reconhecimento e respeito mútuo. Onde as pessoas puderam compartilhar vivências, expor suas histórias mostrando que conquistaram e estão conquistando seu espaço, enfrentando a discriminação racial.

Trataremos de um tema muito polêmico que é a questão do preconceito. A discussão dessa temática pode levar as pessoas a um reconhecimento do mundo em que vive suas identidades, problemas e transformações. Um dos pontos a serem discutidos é se o racismo ou preconceito ainda existem, pois constantemente ouvimos que isso é coisa do passado. Porém sabemos que é um problema que sempre existiu e que está presente em nosso cotidiano, talvez por ignorância ou pré- conceito formado por falta de cultura e informação. O racismo é uma das violências que precisa ser colocada em debate e desconstruída. A exclusão e o preconceito não podem mais ser consentidos. Segundo o estudante da EJA Elson dos Passos os negros são vistos apenas quando acontece algum incidente, imediatamente viram suspeitos. Ele mesmo passou por essa situação, foi vítima de preconceito em um restaurante.

Um dia sai com meus amigos para tomar uma cerveja em um barzinho, e eu era o único negro do grupo houve um acontecimento do lado de fora, a polícia foi chamada e acabou entrando no bar, passou em várias mesas e foi logo na mesa onde eu estava, éramos oito pessoas. Eu fui o único obrigado a mostrar os documentos. Fiquei com muita raiva, pois só eu fui abordado. Mas meus documentos... Coisa que nunca me acontecerá estava no carro. Eles foram comigo até lá e ficaram perguntando onde eu tinha “arrumado” aquele carro, mesmo dizendo que era meu havia comprado com meu dinheiro, ficaram com aquele olhar desconfiado. Fiquei indignado, pois trabalho desde criança com meu pai. Hoje tenho uma oficina, voltei a estudar, pois quero fazer engenharia mecânica. Se Deus quiser vou ser engenheiro

mecânico. É muito difícil viver hoje com tantos preconceitos, mas antes era muito pior. Falo para os meus filhos para terem muito cuidado porque as culpas sempre recarregaram sobre nós. Fico atento para que eles não passem o que passei.

(Depoimento de um estudante da EJA 3º turno Elson dos Passos da Escola Municipal Dona Babita Camargos.)



Figura 14 – Roda de conversa com o estudante da EJA Elson dos Passos

As piadas racistas frequentemente estão presentes dentro e fora dos espaços escolares. Através da participação em projetos os estudantes e docentes podem questionar como a sociedade brasileira pode ser ainda tão mal informada, pois os negros são corresponsáveis pela formação e construção de nosso país.

Existe ainda muito preconceito, racismo e discriminação no contexto escolar e esse é um problema para todos nós, pois nesse ambiente aparecem várias histórias, diferentes famílias, cada um com sua peculiaridade, envolvendo diferenças raciais que dependendo da forma como são tratadas podem rotular, marcar, elevando ou rebaixando pessoas. Como afirma a professora Adriana Aparecida, que sua família a ensinou a valorizar sua identidade e a ter autoestima elevada e nunca sentir-se inferior. Adriana estudou e se tornou professora, porém o racismo sempre esteve presente em seu dia-a-dia, confira o relato.

Minha família por parte de mãe começou em Lavras Minas Gerais. Meu avô era neto de ex-escravos de três corações. Lá nesta cidade meu avô trabalhou num seminário como cozinheiro e lá aprendeu a ler, escrever e tocar vários instrumentos de corda. Minha bisavó trabalhava na cozinha de uma fazenda perto do seminário; assim no centro de Lavras meus avós se conheceram. Tiveram doze filhos e vieram para BH em 1929 no Bairro Calafate, morar nas casas construídas na rede férrea para seus trabalhadores, a R.F.F.S.A. Meu avô trabalhava na construção dessas linhas, e minha avó a exemplo da mãe também era cozinheira. Meus avós criaram seus filhos certos de que as seis moças seriam domésticas e os seis rapazes, pedreiros da R.F.E.S.A.

Meus tios mais velhos não tiveram muitas oportunidades para estudar, a maioria estudou até o quarto ano e logo abandonaram a escola para trabalhar. Minhas tias aos 12 anos eram encaminhadas para casas de família recomendadas pela minha avó para trabalharem como babás, arrumadeiras e cozinheiras.

E assim foi com minha mãe que foi babá durante anos. Ao se casar com meu pai em 1968, tiveram três filhos sendo eu a mais velha. Lembro-me até hoje na escola quando pequena, sempre escolhiam as meninas brancas para fazerem apresentações. Eu era louca para participar, mas nunca surgia oportunidade, pois negra e feia. Porém “certa vez a professora convidou-me para participar de uma peça teatral, ela disse que eu seria a” “Tia Anastácia”, dei pulo de alegria. Cheguei em casa toda feliz contei para minha mãe e ela brigou, ficou chateada, e disse que” Tia Anastácia” eu não seria de jeito nenhum. Foi até à escola esclarecer, porque a filha dela nunca participou de nada e agora faria este papel. Fiquei muito triste com minha mãe por não ter autorizado que eu participasse do teatro... Afinal era a única vez que havia sido convidada. Hoje entendo perfeitamente o motivo. Minha mãe me preparava para não seguir o mesmo legado das mulheres da família, ser doméstica. Para uma adolescente na década de 80, a faculdade era um sonho quase impossível, no máximo um curso técnico, incentivada por minha tia mais nova que fez magistério e Estudos Sociais na PUC, à custa de muitas malas de roupas lavadas por minha avó, decide também fazer magistério; mas não foi fácil entrar no mercado de trabalho, porque início de carreira em escolinhas particulares a aparência contava muito. NEGRA, GORDA e POBRE era uma combinação que me fechava muitas portas, e mesmo quando consegui entrar sempre tive que trabalhar muito para mostrar meu potencial como profissional. Hoje vejo com grande responsabilidade, ser quem sou valorizando minha história e minhas raízes.

(Depoimento da Professora Adriana Aparecida Aquino Aragão que trabalha no segundo turno na escola Municipal Dona Babita Camargos)



Figura 15 - Roda de Conversa com funcionária Eva e professoras do 2º turno Adriana e Maria Aparecida.

Hoje ainda vivenciamos inúmeros tipos de preconceito, pois como diz a estudante da EJA Shirley Fernandes em seu depoimento, o preconceito não é apenas racial, toda pessoa que não se enquadra nos padrões desejáveis pela sociedade, pode ser vítima: obesos, idosos, deficiente e etc., ela afirma em seu relato que:

Quando tinha dois meses tive paralisia, por isto passei por oito cirurgias. Com oito anos fiquei internada no hospital da Baleia, lá tinha uma mãe que tomava conta da gente, lembro-me como se fosse hoje. Como ela gostava das meninas branquinhas, do cabelo liso! Era muito carinhosa com elas, eram as preferidas. Eu, preta do cabelo ruim era muito mal tratada, para pentear meu cabelo, a mãe batia a escova em minha cabeça, puxava meu cabelo, e dizia: - Este cabelo duro, cheio é muito difícil!

Fiquei melhor, recebi alta do hospital e em pouco tempo fui para a escola, mais tristeza, angústia e decepção, ninguém conversava e nem brincava comigo. Diziam que além de preta, fedorenta, cabelo duro ainda era aleijada. Na escola também não tive apoio; até alguns professores me discriminavam. Ainda sofro muito com a discriminação, mas vence, hoje estou aqui, sou estudante da EJA e quero me formar para veterinária.

(Depoimento da estudante Shirley Fernandes Rosa dos santos da Escola Municipal Dona Babita Camargo – 3º turno)



Figura 16 – Roda de conversa com a estudante Shirley Fernandes e Elson dos Passos

Porém a história esta começando a mudar, aos poucos o negro está sendo integrado a sociedade como já deveria ter sido há muito tempo.

3.3 Produções de Texto

Foram produzidos ainda pelos estudantes textos relacionados ao tema “O preconceito racial está chegando ao fim?”. Através de cada texto os estudantes tiveram a oportunidade de revelar suas opiniões sobre a temática-racial.

Ana Laura Gomes Pereira: Estudante do 2º ano do 3º ciclo

O preconceito racial no mundo diminuiu bastante, mas não está acabando, não totalmente. Por mais que existam leis a respeito disso, sempre haverá aqueles que se acham superiores devido à cor da pele. Como aconteceu recentemente, uma jornalista negra foi discriminada nas redes sociais por sua cor de pele e seus cabelos. “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra”. Frase dita por Baby Marley que foi um negro muito influente no mundo da música. O mundo mudou bastante, pois hoje em dia muitos negros estão exercendo papéis importantes na televisão como a atriz Tais Araújo, na política como o presidente da república Barack Obama, nas empresas, na economia, entre outros. As pessoas dizem que não existe preconceito racial, mas é mentira ainda tem e muito forte, as pessoas que não percebem. Pode ser que um dia acabe, mas ainda está aqui, presente a cada dia em nossas vidas, principalmente no dia a dia das pessoas negras. Ainda existe uma longa estrada pela frente, mas os primeiros passos já foram dados, e se continuarmos lutando, cobrando, com certeza teremos um mundo livre do racismo no futuro.

De acordo com o texto da estudante Ana Laura constata-se que a mesma acredita que não devam existir comportamentos racistas e que devemos respeitar a todos com suas diferenças. Daí a necessidade de promover na escola ações positivas, respeito ao próximo e a si mesmo, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre as diferenças, sem medo, ou preconceito. Mostrando aos jovens que todas as pessoas têm direitos iguais. Por meio desse entendimento a questão racial será vista de forma positiva rompendo com o imaginário negativo sobre o negro, o qual ainda está muito arraigado em nossa sociedade e em nossa escola.

Rayane Gomes: estudante do 2º ano do 3º ciclo

O preconceito racial, é algo que mesmo com penalidades rígidas, ainda não chegou ao fim. Pessoas acham que valem mais do que as outras pela cor de sua pele. Não é verdade. Todos somos iguais, independente da cor ou da condição social. “Cor não é personalidade e cabelo não é caráter” então não devemos julgar ninguém pelo seu estilo, porque realmente não sabemos como cada um é por dentro, como diz o ditado:” Não julgue o livro pela capa”. Brasileiro não é preconceituoso? Mentira. Brasileiro é preconceituoso sim. O povo brasileiro tem muito isso, de olhar o valor das pessoas pelo que elas têm e não pelo que são. Às vezes, quando estamos na rua e avistamos um homem negro parado na esquina, sentimos medo? Sim, sentimos. Isso é preconceito. Há algum tempo estava em uma loja de roupas, quando entrou uma mulher negra e começou a olhar algumas blusas. Uma vendedora loira se aproximou e a perguntou se ela procurava alguma coisa em especial. Ela respondeu que sim, procurava uma blusa com pedrarias. A vendedora mostrou algumas e a mulher escolheu uma. A vendedora, disse que era uma roupa cara e perguntou se ela tinha dinheiro para pagar. A mulher soltou a blusa a qual segurava, agradeceu e foi embora. O que essa vendedora cometeu tem nome: preconceito racial. Não devemos discriminar as pessoas. Somos uma nação, uma só raça. Somos todos iguais. A sociedade tem que viver em harmonia, em comunhão, todos juntos fazendo a diferença, lutando pelos nossos direitos; um sozinho perde a luta, mas formando um grupo, podemos vencer a cada dia, melhorando assim, nossa sociedade. Jovens, crianças, adultos e idosos da cor negra se sentem excluídos da sociedade, principalmente quando começam as críticas com brincadeiras bobas na escola, no Trabalho, nas ruas onde estiver isso é muito ruim. Não podemos nos isolar. Vamos acabar com esse preconceito! Temos que lutar muito para que este gesto desumano acabe e se o país realmente se unir, nós vamos conseguir.

Como se pode observar o texto da estudante Rayane Gomes mostra que a mesma compreende a importância de um convívio social harmonioso, percebendo que todos somos humanos, mas ressalta que apesar dos avanços conquistados, os negros no Brasil são vítimas constantes de racismo e frequentemente se veem em situações de discriminação. Destaca também que vivemos uma realidade onde as diferenças estão presentes na cor da pele, nas

condições econômicas. Daí a necessidade de trabalhar tais questões no ambiente escolar, transformando-o em um espaço de luta contra o racismo e a discriminação, desencadeando assim um processo de mudanças de valores, ações e, sobretudo de pensamento.

André Rodriguês Fonseca: estudante do 2º ano do 3º ciclo

O preconceito racial no mundo já foi muito grande, mas já melhorou muito, isto não posso negar. Temos que melhorar ainda mais nessa questão de preconceito com os negros. Vejo ainda muitas pessoas sendo julgadas nas ruas, nas praças, até mesmo no campo de futebol, sendo chamados de macacos e outras palavras inadequadas. Muitos moradores de rua são tratados assim, com desrespeito, sem educação. Ainda existem lugares no mundo que não aceitam negros por lá. Eu já vi também algumas igrejas que não aceitam negros. Para mim não faz sentido, pois somos todos iguais e o preconceito é completamente inútil, temos direitos iguais, ser livre, trabalhar, passear.

No filme de Nelson Mandela percebemos muito isto, todo o sofrimento que passaram para conquistar a liberdade. Quando o assunto é a luta contra o racismo, podemos citar muitas personalidades históricas como: Nelson Mandela, que lutou pelos direitos dos negros e também Martin Luther King que dava palestras sobre racismo. No Brasil há uma população muito grande de negros, que lutam pelos seus direitos.

Porém nem tudo é ruim. Felizmente algumas pessoas tem se conscientizado do racismo e tem tentado ao máximo desconstruí-lo. Pois é a atitude das pessoas que irá mudar o mundo. Temos que aprender a amar o próximo como a nós mesmos, pois só assim o Brasil ficará melhor.

O texto do estudante André Rodrigues nos mostra que embora o preconceito ainda persista, avançamos em muitos aspectos, deixando claro que o racismo é completamente desnecessário. Ressalta que se cada um fizer sua parte, acabando com qualquer tipo de discriminação, construiremos um Brasil onde cada um respeite os direitos dos outros. Nesse sentido, deveríamos tornar a escola um dos principais espaços de convivência onde o diferente deveria ser estimulado e valorizado de maneira equânime. Percebe-se que jovens e crianças reproduzem facilmente o que aprendem e sabemos que não basta discutir o racismo apenas na escola e sim em toda a sociedade, para que possamos usufruir de um país mais justo e igualitário.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o trabalho e escolher uma abordagem sobre as relações étnicas raciais, tinha consciência de que mesmo com a obrigatoriedade de trabalhar nas escolas a Lei 10639/03 e sua legitimidade política e histórica; na prática ainda encontraríamos desafios à sua implementação. Porém o que buscava era explicitar e entender mecanismos de resistência e desafios à implantação da lei em uma escola no município de Contagem a fim de fornecer subsídios para que ações de implementação sejam mais efetivas e acatadas pelo coletivo.

Também foi possível refletir sobre o mito da democracia racial, ou seja, que grupos raciais diversos convivem harmonicamente, que faz com que, mesmo tendo as pessoas, ciência da existência do racismo e seus efeitos, ainda que de forma inconsciente, alguns continuem o reproduzindo enquanto discurso.

Considero que a estrutura escolar em sua forma atual, e que a própria formação dos docentes que não foi contemplada com informações relacionadas à temática racial, nem na graduação, nem na formação continuada, constituem em obstáculos ao tratamento pleno da educação das relações étnico-raciais, fazendo com que alguns coloquem essa temática, como sendo apenas mais um conteúdo, o que não abrange amplamente a Lei e suas diretrizes. Diante disto, apesar dos problemas da instituição escolar que encontramos, cabe-nos enquanto educadores criar novas relações raciais e sociais para que a implementação da Lei 10639/03 ocorra com maior amplitude e realize suas intenções de mudanças de paradigma.

Espero que o município possa investir mais em seus educadores e em outras atividades socioculturais que não só a escolar. Assim todos terão oportunidade de acessar uma formação que os permita ampliar conhecimentos, além de inserir em suas práticas, ações mais humanizadas que combatam o preconceito e a discriminação. Isto, com certeza, ajudarão a mudar a própria estrutura escolar e atingirá a sociedade como um todo em busca da valorização da diversidade de cultura, saberes e identidades.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. Educação e Raça Perspectivas Políticas, Pedagógicas e Estéticas. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Matheus2319/Downloads/Texto > Acesso em: 04 de Novembro de 2015.

BARROS, Cesar Mangolin. O movimento negro ao longo do século XX: Notas históricas e alguns desafios atuais. > Acesso em: 05 de novembro de 2015.

FERRAZ, Erlane Garcia; SANTOS, Luana Camila Gomes; MELO, Margareth Maria. A escravidão na visão do livro didático. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade>> Acesso em: 06 de novembro de 2015.

GENRO, Tarso. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>> Acesso em: 05 de novembro de 2015.

GOMES, Nilma Lino. Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03. 2012. Disponível em: pdf>Acesso em: 04 de Novembro de 2015.

HADDAD, Fernando; SANTOS, Edson. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para educação das Relações Étnico- Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. 2004. Disponível em: file:///C:/Users/Matheus2319/Downloads/Texto20Plano%20Nacional%20de%20Implementa > Acesso em: 04 de Novembro de 2015.

MACEDO, Roberto Sidnei. Currículo: Campo, conceito e pesquisa, 3º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercultural Salvador: EDUFBA, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf>> Acesso em: 07 de Janeiro de 2016

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. 2003.

SILVA, Natalino Neves. Juventude, EJA e Relações Raciais um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA. 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/HJPB-7UPMEW/1000000774.pdf>> Acesso em: 07 de Janeiro de 2016.

SILVA, Silvana Bárbara. As conquistas do povo negro e a valorização de sua identidade. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2012/11/as-conquistas-do-povo-e-a-valorizacao-de-sua-identidade/>.> Acesso em: 26/07/2015.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. Apresentação. In: GOODSON, Ivo F. Currículo: Teoria e história. 9 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2010.

SISTO, Celso. Mãe África (Mitos, lendas, fábulas e contos. Reconto e Ilustrações. 2007

3. ANEXOS

Foram desenvolvidas ainda, no mês de Novembro/2015, algumas atividades na quadra, a fim de valorizar a cultura negra e elevar a autoestima dos estudantes através da valorização de seus talentos como:

1. Apresentação pelos estudantes da EJA Matheus e Dener; que tocaram e cantaram (o Rappa-súplica cearense) e (Andei Só-Natiruts);
2. Introdução "A questão racial no Brasil"._Esclarecimento sobre o motivo do dia 20 de novembro ser o "Dia Nacional da consciência negra".
3. Leitura da história "A árvore Baobá". Todos cantaram. "Caluê, caluê dendê". Sem boca cantamos pra você.
4. Palestra realizada por uma professora de história dando ênfase ao primeiro contato escravidão-Brasil/África; o choque cultural; processo de colonização; os efeitos da escravidão; desumanização dos africanos; Lei sexagenária; a naturalização do preconceito; Charge: nunca tratamos o racismo, pois o mesmo é sempre negado; combate ao racismo ano 50;
5. Música: Nacionais Mc's "Negro Drama"
6. Documentário: Caminhos da Reportagem. Negros no Brasil: Brilho e Invisibilidade.
7. Debate-papo: Africanidades e Brasilidades presentes em nossa sociedade.
8. Filme comentado "As Domésticas" dando ênfase: ao trabalho doméstico; face da desvalorização; como é difícil hoje contratar empregadas domésticas (direitos adquiridos);
9. Apresentações artísticas: cultura Afro-brasileira (dança- estudantes da EJA);
10. Roda de conversa com bingo cantante/ participação das famílias, estudantes e todo o grupo docente. Vivenciamos vários depoimentos emocionantes

11. Paineis de fotos e produtos das atividades desenvolvidas durante o projeto em exposição nos murais da escola.



Figura 17 – Cartaz confeccionado pelos alunos da EJA.



Figura 18 - Funcionária Selma Helena da Escola Babita, fazendo trança Afro.



Figura 18 - Cartaz confeccionado pelos estudantes do 1º turno

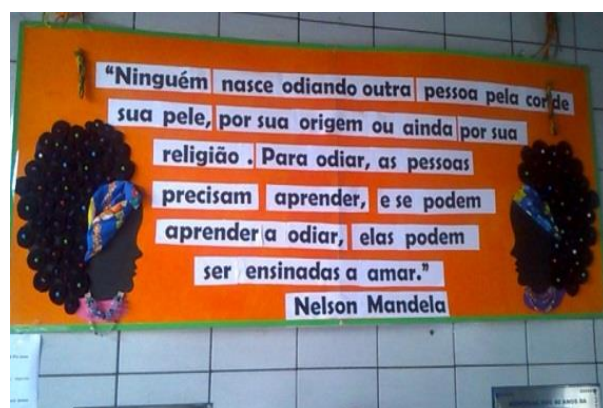


Figura 19 - Cartaz confeccionado pelos alunos da EJA.



Figura 20 – Cenário para a apresentação das atividades



Figura 21 - Cenário para a apresentação das atividades

forte ligação linguística.

A vida dos negros africanos como escravos foi um marco histórico brasileiro, sobretudo do século XVI. Apesar das precárias condições da escravidão, os povos traficados jamais deixaram para trás a herança cultural do seu povo. Entre os principais grupos que vieram para o continente americano estavam os bantus e os sudaneses. O povo bantu foi o primeiro a fazer a viagem no tráfego transatlântico. Dos vários dialetos existentes pela África, os que tiveram maior impacto no Brasil foram o Quilômba, o Quicômba e o Umbundo.

Figura 22 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Hoje, podemos observar no dicionário brasileiro uma variedade de termos que usamos em nosso dia a dia, sem termos a noção de sua origem africana, mais especificamente do grupo bantu. Entre os exemplos encontramos: Abada, Casamba, Caraba, Casaca, Cachimbo, Caxula, Cabalango, Caxica, Carimba, Caximba, Cachimor, Caximora, Caxico, Tuba, Bibi, Macaco, Macomina, Macomba, Marimbouco, Macava, Macave, Quitava, Quitute, Tamba, Xingar, Bambueira, Babaca, Bumba, Caloto, Caximbo, Calmeira, Luquivala, Mucica.

E importante termos a consciência de que a África é uma das responsáveis pela português que temos hoje no Brasil. Um idioma rico e variado, originado de vários povos e que conquistou sua identidade única por conta da forte miscelagem linguística.

Figura 23 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Hoje, podemos observar no dicionário brasileiro uma variedade de termos que usamos em nosso dia a dia, sem termos a noção de sua origem africana, mais especificamente do grupo bantu. Entre os exemplos encontramos: Abada, Casamba, Caraba, Casaca, Cachimbo, Caxula, Cabalango, Caxica, Carimba, Caximba, Cachimor, Caximora, Caxico, Tuba, Bibi, Macaco, Macomina, Macomba, Marimbouco, Macava, Macave, Quitava, Quitute, Tamba, Xingar, Bambueira, Babaca, Bumba, Caloto, Caximbo, Calmeira, Luquivala, Mucica.

E importante termos a consciência de que a África é uma das responsáveis pela português que temos hoje no Brasil. Um idioma rico e variado, originado de vários povos e que conquistou sua identidade única por conta da forte miscelagem linguística.

Figura 24 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Os africanos em Grande diversidade cultural que se vê fortemente ligada à cultura brasileira. Apesar do primeiro contato africano com os brasileiros não ter sido satisfatório, esses trouxeram vários costumes como:

- a capoeira, que foi criada logo após a chegada ao Brasil na época da escravidão como uma defesa, já que não tinham acesso a armas de fogo;
- o candomblé, que também marca sua presença no Brasil, principalmente no território baiano onde os escravos antigamente eram desembarcados;

Figura 25 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

3.3 = O Candomblé:

Essa é sem a mais conhecida, o Candomblé herança principalmente pelos africanos que corresponde a denominação "diátria do povo Baiano, Ela é uma das mais conhecidas as semelhanças, porém tem um grande efeito místico, principalmente por estar presente em Salvador e na região metropolitana.

Figura 26 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

3.4 = O Candomblé:

São consideradas religiões afro-brasileiras, todas as religiões afro-brasileiras, todas as religiões que tiveram origem nas religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos negros africanos na condição de escravos.

Figura 27 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Landoble é uma das religiões afro-brasileiras praticada no Brasil, sendo no Brasil mas também em países adjacentes como Uruguai, Argentina e Venezuela. A religião foi desenvolvida no Brasil com o conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África para o Brasil, juntamente com seus filhos, sua cultura, e seus dialetos, entre 1549 e 1889.


Figura 28 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

EUH CULTO AFRO-BRASILEIRO, DERIVADO DA UMBANDA, QUE TEM COMO LINHA PRINCIPAL A DEVOÇÃO AOS EXUS E LOMBATEIROS, CONSIDERADOS ENTIDADES INFERIORES PELOS UMBANDISTAS. ADOTA SUAS PRÓPRIAS PRÁTICAS, COMO O SACRIFÍCIO RITUALS DE ANIMAIS E A UTILIZAÇÃO DE VODUNS.

UMBANDA

Figura 29 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

há um vestígio para a vida: as crianças são ensinadas os orixás, são ensinadas.



AFRICA

O sagrado da vida humana é compartilhado por todos e por rituais.

O silêncio é vestimenta como grande valor e qualidade.

Religião brasileira nascida no Rio de Janeiro, nos anos 20, da mistura de crenças e rituais africanos e europeus. As raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cábula, dos bantos, e o landoble, na raça negro.

Figura 30 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

5 dias antes. A arte africana é um conjunto de manifestações artísticas produzidas pelos povos da África subsaariana no continente. Foi um dos vestígios de uma das mais conhecidas, estilos do continente, dos chamados Voduns.

Observe, uma máscara da cultura Iorubá, observando a ideia de simplificação das formas.




Figura 31 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Orixás e Seus Símbolos

Orixá - Grande do céu (estrela) símbolo da quantidade, em tempo que o dia e a noite e dela por todos os povos.

Orixá - símbolo da inocência, do dinamismo e da versatilidade.

Orixá - ligação símbolo da unidade das relações, lembra que na unidade encontra-se a força.

Orixá - símbolo do amor e da segurança a residência do Orixá é um lugar especial, uma residência que tenha uma cerca em torno dela é considerado uma residência ideal.




Figura 32 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.

Akoma Atoto
Corações ligados simboliza a compreensão e o acordo.

Akoben
6 chifre da guerra simboliza a vigilância.

Nyame biribi wo soro
Deus está no céu. Simboliza a esperança.

Adinkrahene
É o chefe dos símbolos adinkra. Simboliza a liderança, o carisma e a grandiosidade.




Figura 33 – Trabalho da estudante Ketllen Pollyana de S. Soares do 2º ano 3º ciclo.